

Hoje tem goiabada? Não! Hoje tem marmelada? Não! O que temos então?

Estudos Culturais em ação¹

Prof. Marcos Ribeiro das Neves

EMEF Dom Pedro I

A escolha da manifestação cultural circo para ser tematizada junto aos alunos do 6º ano deveu-se ao diálogo com o Projeto Político Pedagógico da instituição intitulado “Diversidade Cultural e Inclusão Social”. Para mapear os saberes dos estudantes, lancei algumas perguntas: O que é circo para vocês? Quais são as práticas corporais existentes em um espetáculo de circo? Quem de vocês já foi a um espetáculo? Quem conhece alguém que trabalha no circo? O que vocês sabem sobre aquelas pessoas que vivem no circo?

Foi possível identificar as diferentes representações sobre a manifestação cultural e, principalmente, sobre a imagem do palhaço. Para uma estudante, palhaço é uma pessoa ruim da qual ela tinha muito medo, porque quando era pequena sua família ficava aterrorizando-a quando não se comportava. Após o registro das falas das estudantes, teci meu Plano de Ensino. Com base nos apontamentos, selecionei algumas expectativas de aprendizagem das Orientações Curriculares de Educação Física da Secretaria Municipal de Educação para nortear o projeto:

- Relacionar e vivenciar a gestualidade de cada manifestação corporal, considerando a identidade cultural do grupo provedor.
- Participar efetivamente do processo de organização coletivo.
- Analisar as vantagens e desvantagens referentes à manifestação vivenciada e investigada, expondo sua opinião pessoal.

Como, durante o mapeamento algumas estudantes disseram que nunca foram ao Circo, na aula seguinte organizei a assistência ao vídeo “Espectáculo de Circo Poligram em Macaparena (PE)”, retirado do YouTube. Solicitei a análise das práticas corporais que compunham o espetáculo, bem como o seu tema.

Após relacionar os elementos presentes, como malabares, pirâmide humana, corda bamba, palhaço e perna de pau, decidi organizar a vivência dos malabares em função da disponibilidade dos materiais. Pedi que demonstrassem às demais o que sabiam sobre a

¹ Quero agradecer imensamente a todas as estudantes envolvidas, à gestão da escola, à Diretoria Regional do Jaçanã / Tremembé pelo apoio, aos colegas do Centro de Memória do Circo, Rosa e Wellington, e a meu amigo Demóstenes, pelo carinho e amizade.

prática. Uma das estudantes disse que sabia fazer alguns movimentos e ofereceu-se para ensinar as demais. Fizemos uma roda e a colega socializou seus saberes utilizando bolinhas de tênis. A turma apenas repetiu os movimentos sem conhecer o nome ou suas alternativas.

Na aula seguinte, o grupo assistiu a um vídeo do YouTube que ensinava a fazer os malabares com bexiga e alpiste. Em seguida, disponibilizei os materiais necessários e todas construíram os próprios equipamentos. Ao final, pedi para que levassem para casa e treinassem aquilo que a colega havia ensinado na aula anterior.

Outros vídeos foram disponibilizados na sequência: um que ensinava a fazer os movimentos do malabares, chamado de chuveirinho (experimentado em aula), e outro para ampliar os conhecimentos que demonstrava uma técnica denominada *shower*. Ficamos mais duas aulas vivenciando a prática.

Demos início à vivência da perna de pau. Logo na primeira aula o material quebrou. Relatei à turma as dificuldades de substituir o equipamento e sugeri que estudássemos outro elemento do circo chamado pirâmide humana, enquanto aguardávamos a compra dos materiais para construirmos a perna de pau.

Como uma das estudantes disse que sabia fazer pirâmides, coloquei alguns tatames no chão e pedi-lhe que explicasse o que sabia com a ajuda das colegas. Feito isso, a turma distribuiu-se pelo espaço e procurou seguir as recomendações. Munido de cópias de diferentes partes do livro “Introdução à pedagogia das Atividades Circenses” de Marco Antonio Coelho Bortoleto, que expõe técnicas de construção de pirâmides, separei a turma em três grupos para que pudessem colocar em prática as sugestões contidas no material entregue.

Na aula seguinte pedi para os grupos se organizarem da mesma forma e depois retirei uma pessoa de cada grupo para explicar e ensinar para as demais aquilo que haviam feito na aula anterior.

Na mesma semana, a professora de História me procurou porque as alunas comentaram o tema do nosso trabalho. Ela trouxe bolinhas e clave de malabares. Pedi autorização à coordenadora pedagógica para que a colega pudesse participar da aula de Educação Física e socializar o que sabia.

Iniciei o trabalho explicando que a professora queria nos ajudar com os seus saberes sobre os malabares. Pedi que relatasse seu contato com o material e, depois disso, perguntei às alunas se alguém tinha alguma pergunta. Esclarecidas as questões que surgiram, partimos para a vivência a clave e as bolinhas.



Depois dessa aula pude constatar a ampliação dos conhecimentos das estudantes. Antes sabiam fazer os movimentos, depois de algumas aulas e com a ajuda da professora de História (Carolina), passaram a dominar a técnica com três bolinhas, conhecer outras possibilidades de movimentação e os seus nomes.

Voltamos à vivência da pirâmide humana. Disponibilizei minha máquina fotográfica para que pudessem registrar as tentativas e corrigir eventuais erros. Nessa aula percebi a importância das estudantes utilizarem o aparelho e não apenas o professor, como de costume. Elas montavam a pirâmide, fotografavam e depois analisavam a construção, discutiam em grupo, decidiam o que precisava melhorar e montavam outra vez. Experimentaram diferentes tipos de pirâmide: bandeira dorsal, torre com apoio na lombar, bandeira frontal, avião frontal, torre simples etc. Nesse dia considerei satisfatórios os conhecimentos adquiridos e passamos para outro elemento, a corda bamba.

Montei o material e fizemos duas aulas para exploração. Para reconhecimento das técnicas de utilização do equipamento, na aula seguinte, a turma assistiu ao vídeo do espetáculo *Quidam*, do *Cirque du Soleil*. Na quadra, iniciamos a vivência da corda. Deixei algumas cordas de diferentes formas no chão e pedi para que escolhessem uma forma de vivenciá-las. No final da aula, em roda, convidei-as a socializar aquilo que fizeram na aula.

Prosseguindo com o trabalho, separei os materiais que até então tinham sido vivenciados pela turma. Antes de chegarem no espaço da aula, disponibilizei malabares, tatame para a pirâmide humana, corda bamba e corda. As estudantes revezaram-se na utilização dos materiais, manuseando-os com tranquilidade.

Reservei a última aula, antes do recesso escolar do meio do ano, para a turma registrar no caderno de Educação Física tudo aquilo que haviam estudado e vivenciado. Iniciei uma discussão acerca da possibilidade de repor uma aula da greve² no começo do ano com uma saída pedagógica. As opções levantadas foram o Centro de Memória do Circo ou um espetáculo. Tanto uma quanto a outra configuram-se como boas oportunidades para conhecer as pessoas que produzem o espetáculo circense.

No retorno às aulas, conversei com a turma sobre a saída pedagógica. Defini a data e expliquei que antes de assistirem ao espetáculo entrevistariam as pessoas do circo. Assim, perguntei quais eram as dúvidas que possuíam e o que consideravam importante saber sobre o tema. Na condição de escriba registrei as questões na lousa que foram passadas para o caderno de Educação Física por uma estudante.

Como o espetáculo do circo com o qual fiz contato tinha como tema “A história do Circo”, baixei um vídeo do YouTube sobre o assunto. O filme também abordava o palhaço, sua aparição inicialmente por meio de soldados, toda sua transformação até a chegada no Brasil, a forte influência do palhaço Piolin e a comemoração do Dia do Circo, promulgada como homenagem a este representante da profissão. Pensei nesta atividade de ensino justamente para evitar que assistissem ao espetáculo desprovidas de informações relevantes e ara que tivessem condições de fazer outras leituras a partir do que viesse a ser apresentado.

Continuamos com as vivências, organizei todo o material na quadra e cada uma se aproximou daquilo que desejava: malabares, corda bamba, corda, pirâmide humana, como forma de rever os conhecimentos acessados até o momento.

Durante o período de recesso, chegaram novos materiais como tecido, perna de pau e monociclo. Vivenciamos a perna de pau e, na sequência, iniciamos a vivência do monociclo. Fizemos duas aulas, mas devido à dificuldade de se apropriar dos movimentos necessários para manusear os artefatos, as estudantes se afastaram um pouco e a vivência ficou por conta das poucas que conseguiram avançar com a prática.

² No início de 2013 o magistério municipal de São Paulo entrou em greve. Após o retorno, as aulas foram repostas aos sábados.



Na continuação, demos início às vivências com o tecido. Como no mapeamento interno da escola havia identificado estudantes que já foram praticantes das artes circenses, convidei a Jamile do 4º ano para conversar com a turma. Ela nos ensinou a subir no tecido, fazer a trava, o casulo e o anjo, técnicas características do elemento. Foram dois encontros de vivências com o tecido. Voltamos a explorar o livro citado anteriormente, e, com isso, as alunas puderam ampliar seus saberes se apropriando de outras formas de interagir com o tecido como, por exemplo, executando os movimentos denominados avião e borboleta.



A saída pedagógica para o circo foi cancelada devido ao baixo interesse. Apesar de conversar com os pais em reunião e conseguir verba da escola, poucas tiveram condições de ir e outras não quiseram.

Entrei em contato com o Museu do Circo e consegui agendar a saída pedagógica para aquele espaço. As estudantes não precisaram pagar nada e o dia escolhido foi um dia de aula ao invés da reposição de sábado. Assim, todas compareceram.

Na visita ao museu, fomos recebidos por dois profissionais, Rosa e Wellington, que nos acompanharam de forma gentil e muito competente. Durante a visita, as estudantes foram informadas que a roupa do palhaço precisa ser toda colorida porque é utilizada como estratégia para chamar a atenção do público. Que o palhaço não morre, porque desde o momento em que ele é criado a pessoa que o incorpora não pode mudar sua pintura no rosto, que é seu marcador identitário. Logo, um mesmo palhaço pode ser vivido por várias gerações. Também disseram que existem dois tipos de palhaço: o branco, que pinta o rosto de branco e preto e trabalha com mímicas como o comediante Charles Chaplin e o excêntrico, que usa roupas coloridas. Conheceram os jargões do circo (Hoje tem goiabada? Hoje tem marmelada?) criado pelo palhaço Arrelia e também puderam entender o porquê do palhaço Piolin ter este apelido que significa “barbante fino” por conta das suas pernas finas.

Graças às explicações, também pudemos entender que há uma cultura circense: as pessoas que ajudam a montar o circo são chamadas “cachorros”; o nome do palhaço geralmente é dado pela pessoa mais velha do circo; as pessoas do circo não trabalham de segunda-feira porque utilizam este dia para se encontrar com outros atores no chamado “Café dos Artistas”, momento importante para se envolverem em outros espetáculos e arranjam novos trabalhos. Ficamos sabendo também que pessoas diferentes como anões e gigantes, mesmo preteridas pela sociedade, têm seu lugar no circo.

Com o recurso de uma maquete, os monitores explicaram os vários tipos de circo, como o de lona, por exemplo. Além de abordarem a história do circo no mundo e no Brasil, soubemos que a origem do termo “circo” é a “roda”, um espaço para apresentação dos cavalos e outros animais. No final, as alunas foram presenteadas com ingressos assistir um espetáculo no Circo Spacial e com um livro sobre malabares. Na volta à escola, trocamos impressões sobre a experiência. Muitas estudantes disseram nem imaginar quanta coisa bacana envolve o picadeiro.

Na semana seguinte recebemos um professor de Educação Física que nas horas vagas trabalha como palhaço. O colega explicou como elabora a apresentação, além das diferentes

estratégias para interagir com as pessoas no espetáculo, entre outras, a “cascata” (quando cai no chão), a “pilhata” (brincadeira) e a “esquete” (cena curta). Com a ajuda do professor fizeram alguns esquetes de improviso e puderam criar suas pinturas de rosto, feitas inicialmente no papel e, depois, na própria face. Tudo isso foi importante para montarmos uma apresentação. Para finalizar, o convidado explicou que existem outros tipos de palhaço diferentes daqueles que tinham conhecido no Centro de Memória do Circo, como *clown*, dando como exemplo o palhaço Dedé, personagem do grupo “Os Trapalhões”, que marcou época na televisão e cinema brasileiros, e outro tipo de palhaço, chamado Tony.

Aproveitamos um sábado de reposição da greve para ir ao Circo Spacial, cujo espetáculo tinha como tema a “História do Circo”. É importante pontuar que a saída pedagógica foi totalmente gratuita, além do convite dado pela coordenação do Centro de Memória do Circo, a Diretoria Regional de Educação Jaçanã/Tremembé, na pessoa de da diretora da Divisão Técnica de Planejamento, Ramiltes Polesel, disponibilizou o transporte para todas as estudantes.

A atividade contribuiu para ampliarmos os conhecimentos sobre o circo. Foi possível identificar os palhaços excêntrico e branco em ação e todas as suas diferenças ao interagirem com o público. No momento do espetáculo, as estudantes pontuaram alguns conhecimentos acessados durante o estudo desta manifestação, e começou a circular a ideia de montar um espetáculo na escola. Aprovei a proposta, pois me permitiria avaliar as representações acessadas durante o trabalho.

De volta a escola, discutimos os elementos presentes no cotidiano de um espetáculo de circo como o posicionamento das pessoas sentadas, as roupas dos atores circenses e outros elementos que não haviam sido estudados, como os mágicos e o papel das mulheres durante a apresentação. O consumo de alimentos como a pipoca e o refrigerante e alguns *souvenirs* ofertados pelos palhaços durante o evento também foram comentados.

Na aula seguinte, relacionei na lousa todos os elementos vivenciados nas aulas e pedi para cada uma escolher o que quisesse para apresentar no espetáculo. Na sala de informática escolhemos as músicas, o tema e definimos a sequência dos elementos a serem apresentados. O título eleito foi “O Circo na Escola”. E a estrutura da apresentação ficou a seguinte: dois palhaços abrindo o espetáculo, o monociclo, a corda, o palhaço excêntrico, o tecido, o mágico, o palhaço branco, os malabares, a pirâmide humana e um número de dança, finalizando com os dois palhaços. Encenaram o espetáculo e este serviu como instrumento para a avaliação final do estudo.

Além disso, elaborei um portfólio, contendo as anotações do quadro, as fotos de todo o caminho trilhado e um DVD com a filmagem do espetáculo apresentado e construído por elas.

Diante do falatório que tudo isso causou, a direção da escola convidou a turma para apresentar-se para as estudantes do Fundamental I e, na semana seguinte, o próprio 6º ano quis apresentar-se para as demais estudantes do Fundamental II. Com essas apresentações, finalizamos o projeto.

O estudo desta manifestação contribuiu para ampliar, ressignificar, aprofundar e vivenciar os conhecimentos das estudantes, dando-lhes condições para transitarem na sociedade com diferentes saberes sobre a cultura e as artes circenses.